

15 de outubro de 2024

INTERVENÇÃO NO JANTAR COMEMORATIVO DOS 40 ANOS DA APB

Intervenção do presidente da APB, Vítor Bento

Caixa Geral de Depósitos, Caixa Económica Montepio Geral, Banco Totta & Açores, Banco Português do Atlântico, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco de Fomento Nacional, Banco Borges & Irmão, Banco Comercial dos Açores, Banco Fonecas & Burnay, Banco Nacional Ultramarino, Banco Pinto & Sotto Mayor, Crédito Predial Português, União de Bancos Portugueses, *Lloyds Bank*, Banco do Brasil, *Crédit Franco Portugais* e Caixa Económica do Funchal. Foram estes os bancos que, há 40 anos atrás, fundaram a Associação Portuguesa de Bancos e que, com exceção dos três estrangeiros e das caixas económicas, eram todos pertença do Estado.

Confrontando esta lista com a das instituições que constituem o panorama atual do sistema bancário português, e atuais associados da APB – onde só a Caixa e o novo Banco Português de Fomento se mantêm de propriedade pública –, tem-se uma razoável imagem do que foi a profunda transformação do sector e da própria economia portuguesa, ao longo destas quatro décadas. E se àquela lista juntarmos outros nomes que foram transitoriamente membros da Associação, a imagem dessa profunda alteração facilmente se transforma numa espécie de filme. Recordo Banco Comércio e Indústria, Sociedade Financeira Portuguesa, ABN, Banco Comercial de Macau, Banco Exterior de Espanha, Banco Internacional de Crédito, *Manufacturers Hanover* (Portugal), *Barclays*, *Chase Manhattan*, *Citibank*, Banco Hispano, BNC, *Generale Bank*, *Bank of Tokyo*, Finibanco, CISF, Banco Essi, Banco de Investimento Imobiliário, Banco Itau, *Caja de Ahorros de Salamanca*, Banco Privado, Banco Efisa, Central Banco, Interbanco, Banco Alves Ribeiro, Argentária, BPN, Caixa Vigo, *Chemical Finance*, Banco Mello. Uns cessaram de existir, outros fundiram-se ou foram absorvidos, e outros saíram do País. Ao mesmo tempo que outros apareceram, ou se transformaram, e exibem hoje a sua vitalidade, a grande maioria dos quais constituem a lista dos atuais 26 associados da APB.

Há quarenta anos, tudo era feito ao balcão e, muitas vezes, no balcão onde a conta estava domiciliada. A concretização de transações, como levantamentos, era uma operação demorada. Hoje, a maior parte das interações dos clientes com os seus bancos é feita à distância, muitas vezes no conforto do sofá de casa, e quase tudo decorre no tempo de um instante.

Não vou maçar-los com a história de quatro décadas do sector ou elencar tudo o que mudou ao longo da vida da APB. Quis apenas, com esta breve evocação, desencadear nos vossos espíritos o processo de rememoração, para todos nos darmos conta do quanto o país, a sociedade e a banca mudaram para melhor neste entretempo, apesar dos contratempos da viagem.

Sobre o sistema bancário português, que aqui represento, este exhibe hoje uma confortável resiliência, que a todos tranquiliza, depois de um custoso e demorado esforço de ajustamento após os estragos da grande crise financeira internacional, primeiro, e da do euro, de seguida. As bases de capital foram robustecidas, os balanços foram sendo limpos dos ativos danificados ou não geradores de valor e a governação societária foi substancialmente melhorada.

Foi um esforço em que se empenharam os acionistas, aportando o capital necessário, e os gestores e colaboradores, criando as condições para que esse capital possa gerar o valor indispensável à sua sustentabilidade e ao crescimento necessário para continuar a apoiar as aspirações de desenvolvimento da economia e da sociedade portuguesas.

Esperamos ter conseguido, na conferência desta tarde, mostrar o papel relevante e indispensável que a atividade bancária tem para o desenvolvimento económico e social do País. Essa atividade é naturalmente regida pelas leis da economia, orientando-se por isso à criação de valor. No entanto, os bancos, individualmente e através da Associação que os representa, nunca descuidaram a preocupação com dificuldades trazidas aos seus clientes por ciclos económicos ou choques inesperados. E sempre procuraram, quando essas adversidades se manifestam, contribuir para soluções atenuantes das dificuldades transitórias daí decorrentes para as famílias e as empresas. Como foram, recentemente, os

casos da pandemia da Covid 19 e do episódio da rápida e significativa subida das taxas de juro, provocado pela recente política monetária anti-inflacionista.

São ações que resultam da convergência das preocupações morais com a sociedade onde o negócio se insere de cujo bem-estar todos dependemos, com o interesse próprio das instituições que as praticam, pois é do interesse da continuidade bem-sucedida do seu negócio ter clientes satisfeitos e solventes. É, aliás, nessa convergência natural de interesses que assenta o sucesso social da economia de mercado, como muito bem explicou Adam Smith há mais de dois séculos.

Aliás, as instituições do sector, prosseguindo interesses próprios e privados, são hoje também importantes agentes de políticas públicas, como é o caso da prevenção do branqueamento de capitais e financiamento do terrorismo e, mais recentemente, da transição energética. Serviço que prestam *pro bono* ao Estado e à sociedade, apesar dos elevados custos em que incorrem para o efeito.

Os campos de atuação dos bancos e da sua Associação, que aqui represento, estão bem delimitados. No que é negócio, é cada um por si, em grande concorrência, e só sabem uns dos outros quando os resultados das respetivas estratégias e ações são para todos visíveis no terreno. À Associação, onde todos os associados participam, cabe essencialmente articular-se e cooperar com os reguladores, as autoridades que superintendem o sector e outras associações congéneres europeias, visando contribuir para que a regulação do sector seja funcional, proporcional e equilibrada e garanta condições de concorrência leal no espaço europeu, por um lado, e de defender a reputação do sector e promover o reconhecimento social da importância da atividade bancária para o desenvolvimento do País, por outro. Estando naturalmente aberta ao diálogo com outras organizações da sociedade.

Para além das orientações da sua Direção, a eficácia da ação da APB no cumprimento da sua missão assente essencialmente nas capacidades e dedicação dos seus colaboradores. Assim, em nome da Direção e dos associados, deixo um público agradecimento a todos os que, no passado e no presente, asseguraram e asseguram o bom funcionamento da Associação.

Mas estamos aqui para celebrar. E, por isso, agradeço, em nome da Associação, a presença de todos os que aqui vieram celebrar connosco. É com muita satisfação que, para além da família bancária, vemos juntarem-se a nós governantes, reguladores, supervisores e parceiros diversos com quem a nossa atividade se cruza. Assim como agradeço a disponibilidade que, ao longo destes anos todos tiveram para interagir connosco. Nem sempre as interações foram fáceis, mas, como todos sabemos, isso faz parte da vida. Aqueles que mais de perto lidam comigo, já conhecem o meu mantra de que “tudo bem, nunca está; nós estamos cá para melhorar”. De facto, se tudo estivesse bem, a nossa ação seria dispensável.

Estou certo de que todos participaram nessas interações de forma honesta e bem intencionada, visando as suas perspetivas do bem comum. Assim como estou certo de que continuaremos todos empenhados, cada um no seu mister, para construirmos uma sociedade e um País melhores.

A todos: Bem haja e bom jantar!